

7

Tentando Preservar Valores e Autonomia em Meio às Transformações

O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, particularmente o computador e a Internet, vem alterando de modo significativo os processos de geração e divulgação das informações e conhecimentos, bem como as experiências de leitura e de escrita.

O mundo digital reconfigura as relações com os discursos, provocando alterações nas técnicas de difusão dos escritos, nos modos de inscrição dos mesmos e nas maneiras de relacionar-se com os textos, dinamizando práticas culturais específicas diferenciadas daquelas relativas aos impressos e manuscritos.

A escrita e a leitura mediadas pelo suporte informático estão cada vez mais presentes nos diferentes contextos sociais, tendo particular relevância neste estudo o contexto universitário e seus professores.

A pesquisa realizada possibilitou verificar que há mudanças qualitativas importantes relativas às experiências de leitura e escrita destes professores universitários em seu cotidiano de trabalho.

Observou-se que não foi o uso do computador em si que representou o momento crítico de mudanças nestas práticas, este se deu, de fato, com a introdução e expansão da Internet, após liberado o seu acesso comercial em 1995. Foram as possibilidades abertas pela interconexão mundial de computadores que levaram estes professores a experimentarem, tanto em seu ambiente de trabalho quanto em suas residências, um aumento das trocas interativas, isto é, da comunicação entre conhecidos e desconhecidos, através da escrita teclada dos *e-mails*; aumento das demandas pela comunicação *on-line* feitas pelas agências financiadoras de pesquisas, como CNPq e CAPES, além dos colegas e pessoas de seus círculos de amizade que já usavam a rede, que, de certa forma “obrigou” aqueles que ainda não usavam a Internet a fazê-lo; houve ainda, o incremento do acesso e circulação das informações, com a pesquisa virtual em *sites* acadêmicos e espaços de divulgação científica.

No que diz respeito aos processos comunicativos destes professores, viu-se que, com o uso da rede digital, estes estão sendo afetados e, muitas vezes, reconfigurados, estando a Internet propiciando condições para o estabelecimento

de novas formas de sociabilidades. Mesmo com diferenças no interior do grupo de entrevistados, quanto às diferentes formas e intensidade de uso, foi possível verificar que foram incorporadas ao seu cotidiano uma diversidade de práticas interacionais, tais como participação em fóruns de discussão *on-line*, uso do programa de comunicação por voz (*Skype*), orientação de alunos via rede, participação em *blogs* jornalísticos, e o uso do correio eletrônico, o *e-mail*, sendo este o recurso comunicativo mais amplamente utilizado. Alguns professores chegaram a afirmar que, para assuntos profissionais, preferem usar o *e-mail* ao telefone. Embora tal dado seja sugestivo de um novo padrão de interação social, isto é, a substituição do telefone pelo *e-mail* em determinados assuntos, acredito que não seja possível, pelo menos por enquanto, fazer tal afirmação, pois tomando por base alguns estudos realizados, tais como os de Castells (2003) e Marcuschi e Xavier (2005), mais que uma relação de substituição, tem havido uma relação de complementaridade, um reforço mútuo entre os dois meios. É importante salientar também as tensões surgidas com o intenso uso dos e-mails posto que devido ao excesso de mensagens e demandas, inclusive mensagens indesejadas, o lixo da rede (*spam*), é necessário uma rotina disciplinada de acompanhamento da caixa de mensagens eletrônicas. Ainda quanto à sociabilidade em rede, foi possível, através dos depoimentos, desfazermos a idéia, surgida na pesquisa institucional antecedente (Dauster, T.; Amaral, D. et alii, 2005), que associava o computador à “frieza” e “distância afetiva”, pois em várias ocasiões, os professores demonstraram satisfação em poderem interagir, mediados pela tecnologia computacional, não só com aqueles que já são próximos, quanto com os que vão se integrando à rede, e ressaltaram a amizade e a cooperação possibilitadas pela interação virtual.

No tocante à escrita teclada para fins comunicativos, através prioritariamente dos *e-mails*, foi possível verificar que, o uso do que chamo neste trabalho de “internetês”, ou seja, uma forma de expressão escrita com características específicas, como a informalidade, abreviações de palavras, alongamentos de vogais e consoantes, grafias ‘incorretas’, *emoticons* (carinhas) que expressam emoções, enfim os chamados recursos paralingüísticos, que fazem parte da netiqueta, a etiqueta da rede, este não são utilizados, em sua totalidade, pelos professores. Verificou-se que existe uma certa tensão, por parte deles, entre a manutenção de formas escritas consoantes com a norma culta, e, ao mesmo

tempo, uma certa relativização no uso de alguma destas formas, na medida em que, determinados contextos discursivos *on-line* permitem esta escrita menos formal e mais voltada para a eficiência pragmática da comunicação. Há um limite, no entanto, para esta relativização, pois os entrevistados recusam-se a utilizar certos recursos paralingüísticos, algumas grafias incorretas e, principalmente, os *emoticons*, que dizem ser próprio de uma geração, diferente da sua, os jovens. Para os professores a escrita digital para fins de comunicação, ganha em agilidade, mas perde em elaboração, por conta da rapidez com que se processa. Levando-se em consideração os esquemas de classificação e delimitação dos entrevistados, vê-se que são gerados a partir de um lugar de onde falam, a universidade, e de um grupo social de pertencimento, o corpo docente da instituição, deste modo constitui-se um valor, para eles, o uso correto da língua padrão oficial, assim, o “internetês” é, pelo menos em parte, rejeitado pelos professores entrevistados.

Ao tratar da postura dos professores frente ao excesso hipertextual na rede, três questões foram levadas em consideração na análise: as competências do usuário para a navegação; os critérios para separar o que é relevante do que não é; e as estratégias utilizadas na busca de informações na Internet. Conforme foi visto, a imensa oferta de informações pode, de maneira paradoxal, levar ao superficialismo e ao esquecimento, tornando-se, de fato, um obstáculo ao conhecimento, ao invés de fomentá-lo. Verificou-se, com base nos depoimentos, que, embora nem todos os professores tenham demonstrado a mesma competência de navegação na *Web*, todos são usuários da rede para pesquisas e seus critérios para dar credibilidade aos *sites* vêm da sua própria experiência pessoal como docente, acessando *sites* de pessoas ou instituições de competência e idoneidades já reconhecidas pela comunidade acadêmica. A maioria dos entrevistados disse que não costuma perder muito tempo na busca por informações na rede, procurando usar de objetividade nesta tarefa. De acordo com o que foi analisado, pode-se dizer, então, que há uma competência leitora por parte destes professores, pois eles vêm conseguindo classificar e hierarquizar os discursos que aí circulam. Este domínio sobre a profusão de escritos parece guardar relação com competências ligadas tanto à profissão docente, quanto com habilidades para leitura desenvolvidas ao longo do tempo.

Através dos relatos dos professores, foi possível verificar que o uso do recurso computacional estando cada vez mais presente na rotina diária, tanto no

ambiente de trabalho quanto em suas residências, vem criando relações entre a leitura e a escrita no meio eletrônico que podem ser vistas pela ótica ritualística. Ou seja, certas ações cotidianas, praticadas por vários dos entrevistados, como checar a caixa de entrada de mensagens eletrônicas sempre num determinado horário; fazer a leitura de jornais *on-line* todos os dias pela manhã, antes de sair para o trabalho; produzir seus artigos acadêmicos preferencialmente num determinado horário do dia e num mesmo local revelam-se como momentos marcados por determinadas seqüências repetitivas, mais ou menos obrigatórias, que se expressam como pequenos rituais diários mediados pelo recurso tecnológico. Uma vez que o uso da rede promoveu uma intensificação da comunicação interpessoal, através das mensagens eletrônicas, trouxe também, como conseqüência, a necessidade de gerir, com uma certa disciplina, a caixa de entrada dos *e-mails*, através de gestos rotineiros como responder e descartar a correspondência indesejada, ações aparentemente banais, mas que são reveladoras de gostos e valores.

Quanto às práticas escritoras, verificou-se que, são usuais no cotidiano de trabalho, tanto as formas manuscritas quanto as escritas eletrônicas. Há, no entanto, uma série de variáveis quanto à freqüência de uso de ambas as escritas, bem como dos usos que delas fazem os professores. Assim como na pesquisa antecedente, notou-se que para as escritas mais elaboradas, como a confecção de um artigo, por exemplo, a maioria dos entrevistados costuma fazer um pequeno esquema à mão, antes de partir para a escrita na tela. Isto talvez se deva, no meu modo de ver, à influência de uma lógica ainda muito ligada aos manuscritos e impressos, bem como, à necessidade de visualizar no papel a projeção de uma escrita que ainda vai se realizar, o papel parece dar-lhes esta segurança. Foi possível perceber, também, que, para grande parte dos entrevistados, mesmo entre aqueles que se utilizam do rascunho manuscrito, a escrita eletrônica vem representando um ganho de produtividade na execução das suas atividades diárias, devido à rapidez do teclar, bem como das amplas possibilidades de mexer e alterar o texto na tela. Esta possibilidade de visualizar como ficará o texto, coaduna-se com o que Lévy (1999) aponta como a forma de conhecer na cibercultura, o conhecimento por simulação, que para ele, funciona como uma ampliação da capacidade imaginativa dos indivíduos. Ao mesmo tempo, há uma certa tensão neste aspecto, pois desaparecem todas as “marcas” do processo criativo, apaga-se

a idéia de uma versão original, o que, de certa forma, esvazia o sentido final de uma obra, como aponta Bauman (1998). Lembro que, mesmo com as tensões existentes na convivência entre os distintos modos de escritas, o caráter que se quer dar não é o de um rompimento total, mas sim o de um hibridismo e da manutenção de algumas continuidades. De todo modo, o uso cada vez mais intenso do recurso tecnológico, vem gerando uma cultura informatizada, tornando possível novos hábitos intelectuais de formalização do conhecimento e de representações.

As formas manuscritas de escrever, de acordo com os depoimentos, ainda são usuais entre os professores, mas sua intensidade de uso vem diminuindo, são usadas de maneira mais pontual, para pequenas anotações, rascunhos, preenchimento de formulários em papel etc. No que diz respeito, por exemplo, às produções escritas mais extensas, a maioria dos entrevistados lança mão da escrita teclada no computador. Foi possível perceber, também, alguns dados semelhantes aos encontrados na pesquisa antecedente (Dauster, T.; Amaral, D. et alii, 2005): como por exemplo, a associação da escrita à mão como um exercício estético e prazeroso, conforme foi dito por uma das entrevistadas, a Professora Lúcia. Nenhum dos professores acredita no fim dos manuscritos, mas acham que escrever à mão será um exercício cada vez mais pontual no futuro.

Ao analisar mais especificamente as práticas **leitoras** deste grupo de professores, um dado chamou de imediato a atenção: a preferência pela leitura no papel. Mesmo para aqueles que são fortes usuários do equipamento informático, e que, para **escrever** preferem o recurso digital, no tocante à **leitura**, a preferência ainda é o papel. Verificou-se que a grande maioria dos entrevistados, assim como na pesquisa antecedente, fazem a impressão dos textos mais longos que “chegam” na tela, assim como imprimem os próprios textos no momento em que os estão produzindo, para “ver” melhor o que está sendo feito. Esta preferência parece estar relacionada a vários fatores tais como: apego à ‘antiga’ lógica de leitura própria dos manuscritos e impressos; posturas corporais pouco confortáveis frente ao equipamento informático e questões relativas à resolução da tela digital. O predomínio do papel para a leitura, no meu entendimento, não se deve simplesmente à dificuldade em lidar com o “novo”, mas antes, pode-se pensar que, pelo menos sob certos aspectos, o suporte “antigo”, ou seja, o papel é mais

efetivo para realizar certas leituras, como por exemplo, aquelas mais longas, mais reflexivas, conforme disseram dos professores.

A influência das novas tecnologias, em especial o computador conectado em rede, a reconfiguração dos espaços e do tempo daí resultantes, e de como esta mediação vem afetando o mundo do trabalho dos professores, principalmente quanto às suas práticas leitoras e escritoras foi o último ponto de análise deste estudo. Verificou-se que os usos do tempo, no cotidiano de trabalho, foram bastante modificados com a entrada da Internet. Às possibilidades inéditas de comunicação e informação somaram-se demandas com as quais os professores têm agora que lidar. O hipertexto digital modifica as noções de contexto, espaço e tempo das mensagens, até então conhecidas. Para alguns dos entrevistados, a entrada do recurso digital representou um ganho de tempo e facilidade na realização de tarefas cotidianas ligadas à leitura e a escrita, tais como pesquisa em sites, escrita de artigos, comunicação interpessoal etc. Para outros, trabalha-se mais, pois as exigências aumentaram, é preciso estar sempre renovando os conhecimentos produzidos, pois estes perdem a validade mais rapidamente. Segundo alguns relatos, tem havido uma maior invasão do espaço privado em decorrência da Internet, mais especificamente do excesso de demandas que chegam pela rede em qualquer lugar e horário, através dos *e-mails*. Ficou evidenciada, a partir dos depoimentos, a influência da velocidade e da aceleração dos ritmos sociais contemporâneos sobre o trabalho destes professores e as exigências a eles impostas. Um tempo ligado ao modelo informático-midiático, rápido e fugaz, sob o pano de fundo de uma lógica econômica e de mercado. É a este modelo de tempo que os professores procuram reagir, contrapondo um outro tempo: o do amadurecimento das idéias, da reflexão e do desenvolvimento do pensamento crítico.

Apesar das tensões relativas às questões de ordem temporal - aceleração dos ritmos de trabalho, rapidez em responder as demandas – e dos momentos de interpenetração dos espaços público e privado, os professores vêm tentando preservar sua autonomia e valores, em meio às transformações geradas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, sem negar os avanços propiciados pelo seu uso e incorporando-as, cada vez mais, ao seu cotidiano de trabalho.

Influenciada pela leitura dos autores ligados à História Cultural, como Roger Chartier, Vinão Frago, Castillo Gómez, e pela trajetória de pesquisa do GEALE – Grupo de Estudos de Antropologia da Leitura e Escrita, coordenado por Tania Dauster, minha intenção foi tentar compreender as transformações de duas práticas, que são como as duas faces de uma mesma moeda, posto que uma não existe sem a outra: a leitura e a escrita. Tentei olhar estas práticas bem de perto, nas suas minúcias, num lugar privilegiado em termos de práticas leitoras e escritoras: uma universidade; num grupo seletivo, com alto grau de competência para realizá-las: os professores e num momento importante: quando chega e instala-se uma tecnologia que vem revolucionando as nossas relações com a leitura e a escrita- os computadores ligados à rede mundial Internet. Para nós, que não nascemos com esta tecnologia já implantada, tem sido um aprendizado constante, pois as novidades sucedem-se numa velocidade espantosa. E este parece ser mesmo um padrão de atuação daqui para frente: atualizar-se sempre, pois as mudanças são freqüentes. Ao analisar as práticas leitoras e escritoras do grupo de professores entrevistados, busquei a isenção, nem a euforia tecnológica, nem a tecnofobia, espero que tenha conseguido, assim como espero que este estudo traga contribuições para a área educacional e para futuros pesquisadores do tema.